

Meu cuidado todo

Cleverson Oliveira, Fernando Burjato e Gabriele Gomes

Cleverson Oliveira, Fernando Burjato e Gabriele Gomes conviveram na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, no início dos anos 1990. Naquela altura, fizeram juntos a exposição “A Fala”, em 1994, antes de tomarem caminhos próprios. Dalí, Cleverson seguiu para Nova York, Fernando para São Paulo e Gabriele para Santa Catarina e Rio de Janeiro. Vinte e um anos depois, em 2015, os três artistas voltaram a se reunir na exposição “Colapso”, no Museu Oscar Niemeyer, aproximando produções que já haviam estabelecido dicções próprias. A reunião rendeu ainda uma terceira exposição, “Mundo Físico”, na Galeria Virgílio, em 2017. E uma quarta: esta.

Meu cuidado todo desdobra esse encontro histórico, apresenta o trabalho atual destes artistas e busca, depois de distâncias e aproximações, observar como se encaminharam suas pesquisas. Num primeiro momento, o visitante encontrará uma ocupação coletiva, na qual obras frescas convivem com inserções históricas pontuais. Em seguida, terá a chance de se aproximar das pesquisas particulares, com salas que apresentam recortes da produção mais recente dos três, em configurações individuais.

Fernando Burjato vem informado de certa economia da imagem, parceiro das lições modernas. No entanto, se há precisão, obstinação (“repetir, repetir, até ficar diferente...”), há também aquilo que sobra e excede, gordura presente. Suas bordas, rebarbas, afirmam o espaço fora da pintura, exigem uma reflexividade do plano, duvidando da virtualidade da imagem, relembando a coisidade da tinta. O que excede é mole, se pende, se curva, tem corpo. Não há moldura possível que proteja a pintura do mundo, escondendo as pontas. Ao contrário, no limite onde a matéria acaba, o jogo começa. Tinta-pele, tinta-franja, tinta-borda, barba, crosta, cabelo, cortina, exercício de ir e vir dentro da linguagem. Se a pincelada corre ritmada, como um gesto inteiro, área lisa, a tinta escorre pelas laterais. É o que dão a ver os chassis mais altos, com a promessa de uma pintura mais autônoma, descolada do entorno (como se possível fosse), ao mesmo tempo que revelam a cozinha, os bastidores do ateliê. A pintura está parada, mas em trânsito. Um pé aqui, um pé lá.

Nos pastéis e nos guaches, confirmamos a vocação bem-humorada do trabalho de Burjato. Os pastéis forjam esboços dos óleos maiores, apresentam sujeiras, projetam sombras, achatam as bordas. As datações no inferior, com dia-mês-ano, esbanjam despreensão. O branco das margens talvez seja como o intervalo de Mallarmé, funciona como a página do livro ou do catálogo, lugares privilegiados de nossa educação visual e pictórica, como reconhece o artista. Os pastéis não estão interessados em migrar de categoria, como se estivessem submetidos a algum tipo de teste por vir. São trompe l’oeil desafetado, algo esnobe. Coisa duplamente virtual: pastéis de óleos, desenhos de pinturas, brincadeiras de brincadeiras. Esporte.

Gabriele Gomes quer produzir fantasia, perseguir a beleza. A artista viajou para Citera, ilha de Afrodite, onde coletou cacos impossíveis, pequenos fragmentos que funcionam como índices ou relíquias de uma narrativa perdida. Gomes busca a deusa do amor informada por Safo, que também dá nome a essa exposição. A poeta de Lesbos conclamava a Citereia: “vem logo até mim (...) / liberta-me dos duros / pesares; cumpre tudo que meu peito / deseja ver cumprido; e sê a minha / aliada em lutas.” Gomes reforça o pedido.

Essa Grécia inventada, recheada de imaginários ideais, aparece em fotografias com turistas e objetos deslocados de seu contexto, apresentando o choque de uma origem inalcançável. Os leões de Delos, por exemplo, que já tiveram vista para o Lago Sagrado, agora miram a parede azulada do Museu Arqueológico. Esse deslocar de objetos, profanando seus rituais, também se demarca aqui com o armário e as mesas de catalogação, que fazem da sala do Paço Imperial um museu anacrônico, à moda antiga. No entanto, a categorização está mais próxima do olhar infantil que da pretensão científica. O critério tem algo de espanto e admiração, descoberta. É assim que fragmentos geológicos convivem com brilhos, purpurinas, algodões e pigmentos, pequenos caminhos de sedução e fascínio. Além disso, junto às fotografias estão legendas de cores, pequenas pinturas que imprimem o gesto, fragmentos de uma tentativa de júbilo e deleite. Nelas, o olho se implica sinestésico: ver é já tocar, ser cúmplice. Sobre a mesa catalográfica, outro vestígio de Safo: “sei que alguém no futuro se lembrará de nós”. Estamos diante da invenção dessas lembranças.

Cleverson Oliveira, ao final de nosso percurso, investiga como é possível apresentar a superfície das coisas. Se um primeiro olhar tende a pousar confortável na sua paisagem brumosa - o fundo turvo, enevoadado, coberto de gotículas, espécie de *sunday morning* -, um segundo olhar estranha a face da imagem, descobrindo a fatura de um grafite escondido sob a máscara da fotografia. É o momento em que a paisagem deixa a cena para dar lugar ao traço, ao grafismo, seja nos desenhos maiores, com apelo imersivo, ou nos menores, intimistas. A partir daí, um duplo movimento se inaugura: a promessa de duplicação do real, melancolia da captura, e a virtuosidade da imaginação. Trata-se do dilema de crer ou não na imagem, como responder ao seu chamado e a sua sedução. Ou, antes disso, como se posicionar no intervalo entre imagem e mundo, realidade e ficção, as coisas e seus duplos.

Além das falsas duplicações, as imagens de Oliveira também apontam para o tempo de observação. A janela - não mais a clássica que definia a perspectiva, mas a de avião, onde o que se vê é em geral bem mais abstrato que qualquer representação - faz da contemplação uma espécie de exercício meditativo. Para ver, é preciso ter o corpo capturado, com movimentos alinhados em estado de atenção. O artista quer prolongar a imagem, fazê-la durar mais alguns minutos. Um pouco mais.

O tal *cuidado todo* está presente na obra dos três artistas através de gestos insistentes, diários, herança, talvez, da prática de ateliê, cotidiano obstinado. São vozes dedicadas a construção de seu próprio repertório. No cuidado, no zelo depositado sobre o fazer, não se trata de consertar, solucionar os problemas, resolver, cessar. Mas, ao contrário, falhar melhor, como queria Beckett, sofisticando as interrogações. Em Burjato, a equação é a matéria-pintura, em Gomes, a matéria-poesia, em Oliveira, a matéria-imagem. Aqui, vinte e cinco anos depois.

Pollyana Quintella